



GT 63. Ofícios e profissões: memória social, identidades e construção de espaços de sociabilidade.

Coordenador(es):

Madiana Valéria de Almeida Rodrigues (UFRR - Universidade Federal de Roraima)

Marjo de Theije (Vrije Universiteit Amsterdam)

Sessão 1

Debatedor/a: Fernanda Valli Nummer (UFPA - Universidade Federal do Pará)

O GT tem por objetivo principal estimular a manutenção de uma rede de pesquisa e de intercâmbios sobre as novas dinâmicas da memória, do imaginário, das emoções, dos ofícios e profissões, com ênfase no estudo de fenômenos no espaço da contemporaneidade. A influência da extrema direita favorece a emergência de novos atores sociais, fronteiras espaciais, fluxos migratórios e formas de sociabilidade que afetam padrões de trabalho que precisam ser elucidados antropologicamente. A proposta atual visa atender a ampliação das perspectivas sobre diferentes dimensões das relações humanas (imagéticas, econômica, política, de reciprocidade, de associação, de projetos para a vida). Daremos continuidade aos vigorosos debates das últimas quatro RBA's e optamos pelo rodízio de coordenadoras. Em 2015, foi publicado o primeiro livro, resultado destas discussões: "Entre ofícios e profissões: reflexões antropológicas". Em 2019, as etnografias reunidas foram publicadas em forma de Dossiê, na "Revista de Antropologia Amazônica", da UFPA. Nesta reunião mantemos o foco nos estudos etnográficos relacionados aos temas em que ofícios e profissões são analisados não apenas como funções sociais especializadas que as pessoas desempenham de acordo com as necessidades de outras, mas sim como uma das múltiplas dimensões das identidades dos sujeitos, sendo capazes de gerar esquemas de percepção e ação no mundo social. A busca por publicação dos trabalhos pré-selecionados permanece, igualmente, como princípio

Novas possibilidades de resistência no campo do work doméstico: Pensando o caso de um coletivo de faxinas em Belo Horizonte-MG

Autoria: Júlia Vargas Batista (UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais)

Considerando a prática do work doméstico assalariado no Brasil e os atuais desafios político-econômicos no cenário nacional, esta pesquisa, ainda em andamento, se propõe a investigar, a partir da antropologia e da pesquisa de campo, os desafios e a trajetória de um coletivo de faxinas fundado em 2015 na cidade de Belo Horizonte - MG. A organização, hoje composta por cerca de cinco mulheres, surgiu por meio da iniciativa de uma das atuais coordenadoras em busca da valorização das trabalhadoras, pautando sempre a não exploração do work doméstico assalariado. O coletivo atualmente disponibiliza os serviços de faxinas e passagem de roupas, atuando em toda a região de Belo Horizonte. Venho realizando a pesquisa de campo desde outubro de 2019 e algumas importantes questões vêm aparecendo diante deste contexto: Como se dá, na prática, a atuação do coletivo e a relação com os clientes contratantes? Quais elementos conformam o discurso e a prática anti exploração? Como o debate de gênero e raça se revelam neste cenário? É possível pensar a atuação do coletivo como uma prática pedagógica sobre o work doméstico? E finalmente - não menos importante -, quais as experiências e trajetórias de vida dessas mulheres e como isso impacta a construção do coletivo? Nesse sentido, este pôster pretende expor alguns dados da etnografia que resultará em minha monografia de conclusão de graduação em antropologia.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: